

PÁGINA UM

NO COLAPSO DAS EVIDÊNCIAS, A GERAÇÃO DE UM SUJEITO

Apontamentos da intervenção de conclusão de **Julián Carrón** nos Exercícios Espirituais dos sacerdotes
Pacengo del Garda (Verona), 5 de Novembro de 2014

Acordei esta manhã com a urgência de pedir o Espírito para todos nós, porque só o Espírito pode dar-nos aquela abertura, aquela capacidade de conhecer, que nos permite reconhecer como estão realmente as coisas. Sem esta consciência, não é que não façamos coisas ou tomemos iniciativas – porque cada um de nós se move, ainda assim, devido a uma certa percepção que tem das coisas, devido a uma urgência que vê –, mas não tem incidência sobre aquilo que fazemos. Por isso, ajudarmo-nos mutuamente a ter um olhar verdadeiro sobre o real, sobre as circunstâncias que vivemos, é o primeiro gesto de amizade que nos oferecemos para viver, para viver o nosso ministério, para viver diante das necessidades do mundo.

UMA PERCEPÇÃO DIFERENTE DO REAL

O primeiro dom que nos deu Dom Giussani, pelo qual começou a gerar a história a que pertencemos, foi a sua percepção do real. Pensemos no seu diálogo com os jovens no comboio, ou com os liceais que iam ter com ele para se confessarem, quando ia à paróquia da rua Lazio, em Milão, ao fim de semana, no início dos anos cinquenta. Dialogando e confessando, teve uma percepção clara de qual era a situação, por isso decidiu mudar tudo, até a própria perspectiva académica, chegando a revolucionar, de certa forma, aquilo que os seus superiores tinham pensando para ele: fê-lo para responder a uma urgência que lhe tinha surgido de forma evidente. Foi daqui que começou. Numa situação como a da Igreja ambrosiana dos anos cinquenta, na qual não existiam especiais problemas de ortodoxia e tudo se transmitia de forma pacífica, o seu olhar captou – foi uma graça – uma questão decisiva, com uma capacidade de ler verdadeiramente os sinais dos tempos, aqueles sinais que quase ninguém via. Aquilo que agora é evidente para todos, devido às consequências que vimos e vemos, no início, como sempre acontece, só era reconhecido por alguns. Ao génio bastam poucos indícios para tirar uma conclusão geral. É esta a genialidade do Espírito, que pode dar a alguém a graça de começar a compreender. Ao longo da sua vida, Dom Giussani ofereceu-nos muitos sinais deste olhar diferente, diferente do dos outros e diferente também do nosso, tanto que nos surpreendia até a nós.

O que é que não corria bem naqueles anos? A doutrina transmitida de forma ortodoxa já não penetrava na vida, não se tornava de novo experiência. Dom Giussani deu vida ao movimento exactamente para começar a responder àquela urgência. Por isso, recomeçou colocando a experiência como tema, porque sem ela – ou seja, se a doutrina não entra na vida e não se faz experiência – nós não podemos compreender a natureza da fé. Desde o início que colocou ao centro a experiência: «Não estou aqui para que vocês adoptem como vossas as ideias que vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgarem as coisas que vos direi» (*Educar é um risco*, Diel, Lisboa, Milano 2006, p. 20); quer dizer: não vim para vos convencer de alguma coisa, mas para vos dar o instrumento para que possam fazer experiência e convencerem-se a vocês mesmos, para que assim se gere a vossa personalidade através da comparação constante entre aquilo que vivem e os critérios que surpreendem dentro de vocês, empenhando-vos na verificação da proposta que recebem.

UMA DEBILIDADE DE CONSCIÊNCIA. COMO SE JÁ NÃO EXISTISSE NENHUMA EVIDÊNCIA REAL

Mas a um certo ponto, muitos anos depois do início do movimento, Dom Giussani deu-se conta de que, sobretudo na vida dos jovens, estava a acontecer outra vez algo

de novo, que não se manifestava – como muitos poderiam pensar – numa espécie de incoerência ética. Isto não seria nada. Ele compreendeu que a debilidade dos jovens dos anos oitenta não era apenas uma debilidade de coerência, não era apenas uma fragilidade moral: «Parece-me que a diferença está numa maior debilidade de consciência que se tem agora; uma debilidade não ética, mas de energia da consciência. [...] É como se [hoje] já não houvesse nenhuma evidência real a não ser a moda, porque a moda é um projecto do poder» (*L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milão 2010, pp. 181-182).

Esta diminuição da evidência cresceu exponencialmente nos anos seguintes e continua a crescer. Hoje podemos compreender ainda com maior clareza o alcance dum trecho do então Cardeal Ratzinger que citámos falando da Europa: «Na época do iluminismo [...] na contraposição entre as confissões e na incumbente crise da imagem de Deus, tentou-se manter os valores essenciais da moral fora das contradições, e encontrar para eles uma evidência que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Pretendeu-se assim assegurar as bases da convivência e, mais geralmente, as bases da humanidade. Isso parecia possível nessa época, na medida em que as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo em grande parte resistiam e pareciam inegáveis [...]. A busca de uma certeza tão reconfortante que pudesse permanecer incontestada para lá de todas as diferenças falhou» (*A Europa de Bento na Crise de Culturas*, Lisboa, Alêtheia, 2005, p. 39).

Com efeito, como escrevia ainda o Cardeal Ratzinger em 1998, «O colapso de certezas religiosas que, há 70 anos, parecia ainda poder ser travado, tornou-se, entretanto, em grande parte realidade. Portanto torna-se mais forte e generalizado o medo de que isto leve inevitavelmente a um colapso da humanidade *tout court*» (*Fé, Verdade, Tolerância*, Lisboa, UCP, 2007, p. 125-126). Por isso, quando falamos de «colapso das evidências» – como fizemos por ocasião das eleições europeias –, estamos a indicar alguma coisa que caracteriza profundamente o nosso contexto histórico. Giussani não se deixou confundir pelas consequências. Tal colapso, com efeito, traz consigo toda uma série de consequências éticas e morais, mas é a origem que é claramente identificada por ele: já não existe nenhuma evidência real. O facto de nós termos dificuldade em nos darmos conta disto diz-nos até que ponto também nós participamos desta situação. Na sua origem, de facto, está uma redução do homem, das suas capacidades fundamentais, que leva a já não reconhecermos a evidência. Esta redução – diz Dom Giussani – afirma-se pela influência do poder. O ataque fundamental perpetrado pelo poder é dirigido ao eu, é uma redução do eu, do desejo, da capacidade da razão de reconhecer o real. Talvez também nós sejamos mais definidos pelo poder do que aquilo que podemos pensar, e a dificuldade em reconhecer o tipo de colapso que caracteriza o nosso tempo é o primeiro sinal disso. O poder pode deixar, portanto, que nos distraiamos com outras coisas, porque no fundo, não apreendendo e não alcançando a origem de tudo, de onde vêm todas as consequências negativas que vemos, com a nossa acção não constituímos um problema.

Um amigo lembrou-me a este propósito uma frase de Chesterton: «O mal não é que os sábios não vejam a resposta, mas que não vejam o enigma» (*Ortodossia*, Edizioni Martello, Milão, 1988, p. 49), ou seja, não se apercebem do problema, não vêem a evidência, e então é difícil para eles compreenderem tudo o resto. E isto, dito entre parêntesis, não é um problema de alinhamentos eclesiásticos, progressistas ou conservadores, mas de um olhar sobre o real que diz respeito a todos. Por outro lado, é o mesmo problema que Jesus tinha com os fariseus: quando sublinhavam com tanto encarniçamento a ética, por que razão o faziam? Porque não compreendiam a natureza do problema e, conseqüentemente, podiam contentar-se em insistir na ética. Muito do pelagianismo que tantas vezes carregamos connosco depende do facto de que não nos damos conta da natureza do problema humano; por isso podemos afanosamente levar a cabo muitas tentativas de solução, sem desafiar minimamente o fundo da questão. Às vezes, aos nossos olhos, Jesus parece um ingénuo e escandaliza-nos; quando diz «Olhem que no fundo, no fundo, não é este o problema», escandaliza todos. «Mas como?! Como é possível que para Jesus pareça ser mais importante ir comer a casa de

Zaqueu do que dar-lhe uma lição de moral?». A atitude de Jesus incomoda todos. «Mas como é possível?»

Jesus tem uma percepção diferente daquela questão, uma percepção verdadeira. De quanto tempo precisaremos para o compreender? Algo de parecido já nos aconteceu. Dom Giussani viu, com efeito, algumas coisas desde o início, mas foi preciso muito tempo para que se tornasse evidente também para nós, e agora para todos. Não é um problema de alinhamentos, de discussões ou de dialéctica. Pensar em resolver a questão com a dialéctica faz já parte da incapacidade de reconhecer as evidências, as evidências “mais evidentes” – perdoem-me o jogo de palavras –, da incapacidade de captar o que acontece, qual é o colapso diante do qual nos encontramos. Se não nos dermos conta disto, não podemos esperar responder de forma adequada ao desafio, mesmo que nos agitemos de mil maneiras.

UMA REDUÇÃO DA CAPACIDADE DE OLHAR

É uma percepção da condição humana no seu todo, do humano enquanto tal, que é reduzida. Se não nos damos conta disso, disse-nos Dom Giussani, é devido à influência que o poder exercita sobre nós, reduzindo a nossa capacidade de olhar para a realidade. Tal influência não reduz, antes de mais, a nossa capacidade ética, de coerência, mas a capacidade de olhar. A consequência é um conhecimento reduzido daquilo que acontece. Por isso me surpreendeu tanto aquele texto de Dom Giussani que depois citei nos Exercícios da Fraternidade (cf. J. Carrón, «*Correndo para O alcançar*», Lisboa, Junho 2014, p. 32): «Se estamos tão vergonhosamente divididos [dentro de nós], fragmentados, que é impossível a unidade mesmo entre o homem e a mulher, e não se pode confiar em ninguém; se somos tão cínicos em relação a tudo e todos, e tão desapaixonados de nós mesmos [como se estivéssemos separados de nós mesmos], como podemos desta lama retirar alguma coisa para reconstruir as nossas paredes derrubadas, obter cimento para a construção de paredes novas? [...] Dada esta nossa situação ferida, não podemos, com efeito, dizer: “Vamos nós reconstruir o humano!”. Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? [...] É preciso que venha alguém de fora – *tem de vir de fora* [de fora dos nossos pensamentos, da nossa capacidade reduzida de olhar, da nossa capacidade reduzida de ver; tem de vir alguém de fora de nós agora, não para nós antes de começarmos a viver o cristianismo, não para aqueles que ainda não são cristãos, mas para nós que somos já cristãos] – e que perante esta nossa casa derrubada refaça as paredes. [...] Aqui reside a maior dificuldade em relação [...] ao cristianismo autêntico: é através de *outra coisa* – que vem de fora – que o homem se torna ele próprio» (L. Giussani, «*È sempre una grazia*», in *È, se opera*, suplemento da revista *30Giorni*, Fevereiro de 1994, p. 57-59).

Isto, insiste Giussani, «não agrada»: atenção, não agrada a nós! Vemos em nós uma resistência, porque cada um pretende já ter as ideias claras. Pensemos em certos diálogos entre nós: cada um tem já um juízo sobre a situação, sobre o que seria preciso fazer, todos sabemos já, e nós, sacerdotes, mais do que todos! Por isso, que seja alguma coisa diferente, que vem de fora, a reconstruir as nossas paredes destruídas, não nos agrada, «porque [...] dá guarida a algo que não corresponde à nossa imaginação e a uma nossa imagem da experiência, que parece abstrata na sua pretensão. [Assim] [...] ficamos presos [devíamos todos esculpir esta frase diante dos nossos olhos!] [...] numa impotente aspiração a remediar ou *numa pretensão fraudulenta*, mentirosa, quer dizer: *identifica-se o remédio com a própria imagem* [qualquer que seja a imagem que cada um faz] e [com a própria] *vontade de remediar* [inventamos uma imagem e confiamos-nos à nossa vontade de remediar levando por diante o que temos na cabeça] [...]. Assim nasce o “discurso” sobre os valores morais, porque o discurso sobre os valores morais pressupõe que o remédio para a dissolução venha da força da imaginação e da vontade do homem: “Vamos juntar-nos que assim havemos de remediar!”» (*ibidem*, p. 59).

CRISTO VEIO PARA DESPERTAR A NOSSA CAPACIDADE DE CONHECER O REAL

Se não nos ajudarmos a sair das nossas imagens e dos nossos pensamentos, se não deixarmos de nos encarniçar na tentativa de os realizar com as nossas acções, não

responderemos ao desafio actual. A situação que descreve Dom Giussani é a mesma que nos recorda a Igreja ao longo da sua história: «Os preceitos da lei natural [isto é, as maiores exigências para o homem] não são por todos recebidos de maneira clara e imediata [por causa da redução do nosso eu, que também nós vivemos]. Na situação actual, a graça e a Revelação são necessárias ao homem pecador para que as verdades religiosas e morais [ou seja, as evidências] possam ser conhecidas “por todos e sem dificuldade, com firme certeza e sem mistura de erro”» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1960). Esta é a situação: afirmava-o já no século XIX, falando do conhecimento de Deus, o Concílio Vaticano I, depois retomado pelo Catecismo. Por isso, num documento sobre o mesmo tema, a Comissão Teológica Internacional declara: «É necessário, portanto, ser modesto e prudente quando se invoca a “evidência” dos preceitos da lei natural» (Comissão Teológica Internacional, *Em busca de uma ética universal: novo olhar sobre a lei natural*, 2009, n. 52). Esta condição agravou-se devido à influência da secularização e por isso a condição do homem contemporâneo é caracterizada precisamente pelo colapso das evidências.

Dom Giussani não estava portanto distraído quando, para responder a esta situação, nos comunicou o cristianismo, não para nos convencer das suas ideias, mas para que pudéssemos ver de novo a realidade tal como ela é; disse-nos que Cristo veio precisamente para despertar em nós o sentido religioso, para despertar a nossa capacidade de conhecer o real. Se não nos dermos conta disto, acabaremos por bloquear aqui e ali algumas consequências, mas sem ajudar verdadeiramente o homem a ver. A situação está de facto radicalmente mudada: não é que as pessoas vejam a evidência e a neguem – porque são más, ou fechadas –; não a vêem mesmo, e isto faz parte da diminuição do humano que temos constantemente diante de nós. Se nós podemos dizer que vemos, é só porque somos cristãos, porque o facto de Cristo nos remete para a posição de ver. Caso contrário, também nós pensaríamos como todos. Não podemos então recriminar o outro porque não vê – podemos fazê-lo, mas é inútil! –: é preciso dar ao outro um contributo real, ajudando-o a sair desta situação bloqueada e a voltar a ver a realidade.

Impressionou-me uma observação do Cardeal Scola, contida numa entrevista ao diário *la Repubblica* nos dias do Sínodo sobre a família. Parece-me preciosa para nós e por isso a volto a propor. Falando do estado actual da Igreja, diz: «O confronto com a revolução sexual [como última tentativa do indivíduo de salvar-se a si mesmo, segundo todas as imagens que cada um pode inventar] é um desafio talvez não inferior ao que foi lançado pela revolução marxista» (A. Scola, «O não aos divorciados permanece, mas não é um castigo e sobre os homossexuais a Igreja foi lenta», entrevista com Paolo Rodari, *la Repubblica*, 12 de Outubro de 2014, p. 19). São duas tentativas, a nível social ou a nível individual, de nos salvarmos a nós mesmos.

Diante deste novo desafio, que envolve a Igreja e a nós mesmos, temos na nossa história (refiro-me à vida do movimento, ao longo da qual Dom Giussani nos acompanhou) o recurso que nos permite enfrentá-lo. Todavia, às vezes parece-me que, não tendo aprendido o bastante desta história, repetimos alguns erros do passado. E espanta-me que não tenhamos ainda apreendido em toda a sua densidade aquilo que dissemos na primeira lição dos Exercícios da Fraternidade, precisamente relendo a nossa história: como Dom Giussani encarou o desafio da revolução marxista em 68 e como ajuizou a nossa tentativa de lhe responder. Como não fizemos tesouro disso, podemos repetir as mesmas tentativas e os mesmos erros.

UMA INSEGURANÇA EXISTENCIAL, QUE FAZ PROCURAR APOIO NAS COISAS QUE SE FAZEM

Dom Giussani dizia que por detrás das nossas tentativas, todas elas desejosas de responder à situação, havia «uma concepção eficientista do empenhamento cristão, com traços de moralismo”. Mais do que traços: com uma redução total ao moralismo! [porque não entendíamos, no fundo, do que é que se tratava] [...]. Segunda consequência [...] [é] a incapacidade de culturalizar o discurso, de levar a experiência cristã pessoal até ao nível em que esta se torna juízo sistemático e crítico e portanto, sugestão da modalidade de acção. [...] Terceira consequência: a subavaliação teórica e

prática da experiência da autoridade» («A longa marcha da maturidade», *Passos*, n. 3/2008, p. V-VI).

Porque é que que isto acontecia, segundo Dom Giussani? Por causa duma ingenuidade, «a ingenuidade do homem que diz: “Agora venho eu pôr ordem nas coisas” [...] Que tristeza!» (*ibidem*, p. III). Que tristeza, mesmo, porque muitas dessas tentativas nasciam e nascem – podemos constatá-lo também hoje – «de uma insegurança existencial, isto é, de um medo profundo, que faz procurar apoio nas próprias expressões. Esta observação, que já fizemos uma vez, é duma importância crucial. Uma pessoa cheia de inseguranças, ou que tem um medo e uma ânsia existenciais de fundo, dominantes, procura a segurança nas coisas que faz: a cultura e a organização. [...] É uma insegurança existencial, é um medo de fundo, que faz considerar como próprio ponto de apoio, como razão da própria existência, as coisas que se fazem num âmbito cultural ou organizativo». Mas a coisa mais terrível é aquilo que ele observa logo a seguir: assim, todas as coisas que fazemos, «toda a actividade cultural e toda a actividade organizativa não se tornam expressão de uma fisionomia nova, de um homem novo», porque são sinais do nosso medo existencial. Com efeito, continua Giussani, «se fossem a expressão de um homem novo, até poderiam nem existir, quando as circunstâncias não o permitissem, mas aquele homem estaria de pé. Ao passo que, em vez disso, muitos dos nossos aqui presentes, se não fossem essas coisas, não estariam de pé, não saberiam por que razão estão aqui, não saberiam a que coisa aderem: não está, não consiste, porque a consistência da minha pessoa é a presença de um Outro» (*Uomini senza patria. 1982-1983*, Bur, Milano 2008, pp. 96-97).

Se nós não fizermos tesouro desta história, também continuando a tomar a iniciativa, com o nosso fazer, agitando-nos, não tocaremos a origem última da questão, ficaremos, como Dom Giussani nos relembra, na ingenuidade.

APROFUNDAR A NATUREZA DO SUJEITO QUE ENFRENTA OS PROBLEMAS

Retomando a experiência do Evangelho, ele sublinha que a pessoa, a pessoa reduzida pelo poder, «[só] se encontra a si mesma num encontro vivo, quer dizer, numa presença em que embate e que desperta uma atracção» (L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, op. cit., p. 182). Se isto não acontece, todas as nossas tentativas de responder aos novos desafios, a esta redução devido à qual o homem se pode contentar com todas as imagens de si que constrói, segundo uma modalidade que pode ser diferente em relação à da revolução precedente, não terão qualquer resultado. Se o homem não se reencontra a si mesmo, não poderá senão sair ainda mais reduzido dos seus esforços para resolver o problema. Vemos já o quanto as tentativas de tantos dos nossos contemporâneos são incapazes de captar a natureza do eu e, portanto, de responder às suas exigências últimas.

O que é que Jesus faz para despertar o homem, para o levantar desta situação? Vai ao encontro das pessoas, coloca diante delas uma presença humana – a Sua – não reduzida. Porque só embatendo n'Ele, na sua presença, na consciência clara que Ele tem de si, na Sua capacidade de se dar conta de qual é a densidade e a expectativa do coração, pode ser despertada a humanidade delas, a percepção do alcance da sua exigência, e elas podem, conseqüentemente, não perder tempo procurando soluções que não são capazes de responder de forma adequada. Por isso, Giussani insiste que «a solução dos problemas que a vida apresenta todos os dias “não nasce directamente enfrentando os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta”» (in A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Bur, Milão 2014, p. 489) isto é, aprofundando a natureza do eu, a natureza do próprio desejo. Não está a dizer uma banalidade, porque só se o eu se dá conta de si mesmo a este nível é que pode libertar-se de todas as supostas soluções e estupidezes que tem na cabeça, como nos acontece também a nós.

Mas a este ponto, nós estamos diante do mesmo problema que Romano Guardini tinha já identificado com grande clareza: nós podemos até dizer que «é Cristo que desperta a nossa humanidade», mas a questão é «Quem protege Cristo de mim mesmo? Quem o mantém livre da astúcia do meu eu [de uma redução operada por

mim] que quer fugir a um verdadeiro dom de si mesmo? E a resposta é: a Igreja» (R. Guardini in H.B. Gerl, *Romano Guardini. La vita e l'opera*, Morcelliana, Brescia 1988, p. 45.), que nos chega nesta época, particularmente, através do carisma. Então, se não nos damos conta de quem salva Cristo e o carisma de nós mesmos, perdemos Cristo e o carisma pelo caminho.

A RESPONSABILIDADE DO CARISMA QUE CADA UM TEM

Por isso faz sempre bem retomar a famosa intervenção de Don Giussani *O sacrifício maior é dar a própria vida para a obra de um Outro* (in L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, pp. 65-70). Nessa intervenção, ele deu-nos todos os instrumentos para o caminho. Neste texto, diz-nos que o carisma lhe foi dado por graça, mas deve passar para todos nós, para que sejamos revestidos por ele. «Cada um tem a responsabilidade pelo carisma; cada um é causa de declínio ou de incremento da eficácia do carisma [...]. Portanto, este é um momento em que, para cada um, a tomada de consciência da responsabilidade é gravíssima como urgência, como lealdade e como fidelidade. É o momento da responsabilidade que cada um assume para com o carisma», porque «obscurecer ou diminuir [isto] [...] significa obscurecer ou diminuir uma intensidade de incidência que a história do nosso carisma tem sobre a Igreja de Deus e sobre a sociedade de hoje». Mas na tentativa de o tornarmos nosso, e não podemos não o desejar, na «versão pessoal que cada um dá do carisma para o qual foi chamado, [...] quanto mais a pessoa se torna [verdadeiramente] responsável, tanto mais [este] passa inevitavelmente através do seu temperamento, através daquela vocação irreduzível a qualquer outra que é a sua pessoa». Pela sua concretude histórica, cada um pode fazer do carisma aquilo que quiser: «Reduzi-lo, torná-lo parcial, acentuar alguns dos seus aspectos em detrimento de outros (tornando-o monstruoso), moldá-lo ao seu próprio gosto de vida, em seu próprio benefício, abandoná-lo por negligência, por teimosia, por superficialidade, abandoná-lo a uma linguagem em que a própria pessoa se sente mais à vontade, encontra mais gosto e tem menos dificuldades» (*L'avvenimento cristiano*, op. cit., p. 68).

Eis, portanto, «a grande questão: cada um [de nós], em cada agir seu, em cada dia seu, em cada coisa que imagina, em cada propósito seu, em cada uma das suas acções, deve preocupar-se em comparar os critérios de acção com a imagem do carisma tal como surgiu nas origens da história comum. [...] A comparação com o carisma é [...] a maior preocupação que, metodológica, prática, moral e pedagogicamente é preciso ter. Caso contrário, o carisma torna-se pretexto e ocasião para aquilo que queremos; encobre e abaliza o que quer que nós queiramos» (*ibidem*, pp. 68-69).

Precisamente para limitar esta tentação, que reconhecia existir em cada um de nós, Dom Giussani convidou-nos a «tornar comportamento normal a comparação com o carisma vivida como correcção e como ideal continuamente ressuscitado. Devemos tornar tal comparação num hábito, *habitus*, virtude. Esta é a nossa virtude: a comparação com o carisma na sua originalidade». Ele dizia isto em 1992, e acrescentava: «Por agora, a comparação [é], em última instância, com a pessoa determinada com a qual tudo começou [ou seja, ele mesmo]. Eu posso desaparecer, mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto – se Deus quiser – das pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira daquilo que aconteceu em mim, tornam-se no instrumento para a correcção e para a ressuscitação; tornam-se no instrumento para a moralidade. A linha das referências indicadas é a coisa mais viva do presente, porque também um texto pode ser interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas pode ser interpretado assim. Dar a vida pela obra de um Outro implica sempre um nexó entre a palavra “Outro” e algo histórico, concreto, tangível, sensível, descritível, fotografável, com nome e apelido. Sem isto, o nosso orgulho impõe-se, este sim efémero, mas efémero no pior sentido do termo. Falar de carisma sem historicidade, não é falar dum carisma católico» (*ibidem*, pp. 69-70).

Esta comparação é crucial para nós, caso contrário ficamos entregues a nós mesmos. Acontece o mesmo com Cristo: quem salva Cristo de nós mesmos? Quem salva o carisma de nós mesmos? Porque, afinal de contas, com as mesmas palavras podemos fazer diferentes misturas, com a mesma Bíblia podem fazer-se muitas denominações cristãs diferentes, com vemos.

Aqui joga-se a nossa capacidade de estar diante dos novos desafios com toda a força do carisma que nos foi entregue. E qual é o ponto decisivo do nosso contributo original? Em que é que Dom Giussani identifica a missão de Cristo? Cristo não veio para resolver os problemas do homem, mas para educar o sentido religioso, ou seja, para despertar o eu colocando-a na posição certa para enfrentar esses problemas. «Jesus Cristo não veio ao mundo para se substituir ao trabalho humano, à liberdade humana ou para eliminar a provação humana – condição existencial da liberdade. Ele veio ao mundo para chamar a atenção do homem para o fundo de todas as questões, para a sua estrutura fundamental e para a sua situação real. [...] Não é tarefa de Jesus resolver os vários problemas, mas sim apontar para a posição em que o homem pode tentar resolvê-los mais correctamente. Este trabalho compete ao empenhamento de cada homem, cuja existência está em função dessa tentativa» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra, Milão 2001, p. 126).

Se o carisma não consegue educar gente capaz de enfrentar os desafios actuais, não há esperança para nós. Hoje, por exemplo, os jovens têm que andar pelo mundo, porque em Itália, muitas vezes, não encontram um trabalho adequado; se o carisma não consegue fazer crescer pessoas capazes de encarar este contexto cultural alterado, não podemos certamente pensar em «colocar portas nos campos» – como dizemos em Espanha – para evitar o problema, não podemos pôr *passwords* de acesso por todo o lado, em todas as portas. A única esperança é que seja gerado um sujeito capaz de estar nesta situação precisamente devido à experiência de plenitude que o carisma o faz viver. Se o movimento não é uma experiência presente, confirmada por essa plenitude, onde eu encontro a confirmação da verdade das coisas, nós sucumbiremos. Isto mesmo nos relembra o padre Braschi, falando dos primeiros cristãos: como é que podiam viver daquela maneira diante de certos desafios? Só graças à consciência da graça recebida.

«NINGUÉM GERA, SE NÃO É GERADO»

Por isso, perante o colapso das evidências, todo o problema é se se gera um sujeito capaz de ter uma consciência tal da sua própria natureza, da própria exigência humana, que não se deixe oprimir por imagens reduzidas e soluções parciais, que não dão nenhuma satisfação. A experiência cristã realmente vivida torna o eu livre de todas as tentativas parciais, fá-lo transbordar de alegria e de plenitude, colocando diante de todos uma humanidade verdadeiramente desejável. Com efeito, aquilo que impressiona não são as diferentes opiniões sobre as coisas, mas uma humanidade verdadeira, plena, na qual se embate. A esta humanidade diferente o homem, qualquer que seja a latitude em que vive, não se pode subtrair, como contava um rapaz que viveu alguns meses no Texas. As pessoas que tinham contacto com ele diziam-lhe: «Nunca tínhamos visto uma humanidade assim». Repete-se hoje a mesma reacção que os primeiros tinham diante de Jesus. Não são as opiniões religiosas que movem as pessoas, mas uma humanidade verdadeira, plena. Será depois preciso dar todas as razões de tal diversidade, mas o primeiro impacto é o encontro com uma humanidade verdadeira, não reduzida.

O que temos nós que viver para educar um sujeito capaz de enfrentar o real? Retornamos ao ponto inicial: «*Ninguém gera, se não é gerado*» (L. Giussani, «La gioia, la letizia e l'audacia. Nessuno genera, se non è generato», *Litterae Communionis-Tracce*, n. 6/1997, p. IV), isto é, se não se deixa gerar agora pelo carisma, por aquela história que constantemente nos oferece todos os instrumentos para fazer o caminho. A graça de Dom Giussani foi não ter tido outra preocupação senão esta geração, como se tivesse previsto a situação em que nós, hoje, vivemos cada mais. Todos os outros se preocupavam com outras coisas, também justas, mas davam como adquirido o sujeito que teria que enfrentar os problemas. Quem deu toda a sua vida por esta geração do eu, da qual nós somos testemunhas, foi Dom Giussani.

Nós seremos fiéis ao carisma, o carisma poderá subsistir na história, se crescer esta capacidade do movimento de gerar adultos como ele, de tal maneira transbordantes da presença de Cristo, de tal maneira alegres pela sua experiência de Cristo, que possam testemunhar diante de todos quem é Cristo. Não há outro caminho, diz-nos sempre o Papa Francisco, senão o testemunho de uma vida transbordante da Sua presença, de

forma a que quem quer que nos encontre possa fazer parte desta plenitude que nos foi dada por graça, mas que devemos ter sempre a simplicidade de acolher, de receber, e sem a qual perdemos a relação com a realidade. Por isso, ajudemo-nos, amigos, sustentemo-nos mutuamente nesta educação.

A luz que vem da nossa história – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade – é um contributo para regressar às origens: só assim podemos viver neste contexto histórico com uma diversidade de olhar e segundo uma modalidade original de presença no real. Como nos disse o Papa, sem um ponto de apoio nalguma coisa de essencial – e o essencial é Cristo –, nós não podemos evitar assustarmo-nos diante dos novos desafios. O essencial, o regresso ao essencial, a que Dom Giussani sempre nos chamou e a que agora o Papa Francisco nos convida, é crucial para nós; caso contrário, será difícil sermos suficientemente livres para procurar novas formas e modos para comunicar a verdade encontrada, como escreveu o Papa na mensagem ao Meeting.

GESTOS DE HUMANIDADE NOVA QUE PROVOCAM UM INTERESSE

Regressando sempre ao essencial, nós seremos capazes de pôr diante de todos uma presença, uma modalidade nova de estar no real, que, ao encontrá-la, as pessoas possam superar o desconforto profundo que lhes impede de assumir uma responsabilidade pessoal dentro das circunstâncias. Para fazer face com responsabilidade aos desafios actuais, tem que acontecer alguma coisa que desperte o eu todo, para que possa recomeçar a olhar para as coisas com suficiente clareza e aderir ao que de novo reconhece como evidente. Sem isto nós não poderemos responder, não poderemos dar um contributo real à situação actual.

O nosso contributo original, aquele pelo qual Dom Giussani começou tudo, consiste em reconstruir um sujeito que seja capaz de reconhecer a verdade, a evidência das coisas, e de lhes aderir. É isto que torna apaixonante o momento histórico que estamos a viver: o facto de que as pessoas, vendo nalguns gestos a evidência de alguma coisa verdadeira, mesmo no meio da indiferença geral (que é um sintoma do enfraquecimento do sujeito), começam a interessar-se, permanecem atraídas. Lembram-se de como Dom Giussani descrevia uma presença original? «Não se constrói uma realidade nova com discursos ou projetos organizativos, mas vivendo gestos de humanidade nova no presente» (*Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*, Bur, Milano 2006, p. 66), ou seja, gestos nos quais uma pessoa pode ver, tocar com a mão, aquilo que a torna mais ela própria. E quando uma pessoa descobre isto, começa a mudar. Gestos de humanidade nova, isto é, de amizade.

Mas um olhar à altura do humano, uma companhia que leve ao destino, só existe por força da presença de Cristo, porque sem a presença de Cristo nós não vemos nem podemos fazer nada. «Cristo coincide com a experiência que eu faço de mim», disse recentemente um amigo. Isto é a superação do dualismo: Cristo coincide com a experiência que eu faço de mim, na minha relação com o real. E vê-se que Cristo está presente não apenas porque eu digo: «Cristo» – muitos o podem dizer –, mas porque eu faço uma experiência diferente de mim, como capacidade de captar a realidade e de ser livre, não definido pelo contexto que me rodeia.

Nós estamos juntos para isto. Mas temos que tomar ainda mais consciência da natureza do desafio, se queremos dar um contributo real à situação presente. Caso contrário, tentaremos bloquear as consequências: o que por um certo tempo poderá até ser útil, mas não será aquilo que mudará verdadeiramente as coisas. Isto significa que precisaremos de tempo: começamos a plantar as oliveiras sabendo que talvez não vejamos os frutos, a não ser em certos momentos, em certas pessoas. Exactamente por isto é ainda mais decisivo que saibamos identificar bem o propósito para que estamos no mundo. Dom Giussani tinha-o compreendido muito bem, muito antes de outros: Cristo veio para despertar o homem; e a Sua presença é documentada pelo facto de que quem O reconhece se relaciona de forma diferente com o real, mudando assim alguma coisa na razão de quem encontramos. Caso contrário, o nosso contributo será igual a zero.